

EPISÓDIOS DA GUERRA DO PACÍFICO (1941-1945): a batalha aeronaval do Mar de Coral (1942) e as novas formas de fazer guerra no mar

RAYANNE GABRIELLE DA SILVA*
Historiadora

SUMÁRIO

Introdução
Antes de a guerra global começar, uma pausa: a situação japonesa e
norte-americana na primeira metade do século XX
O ataque a Pearl Harbor (1941) e o início oficial da Guerra do Pacífico
A derrota iminente: a Batalha do Mar de Coral e o início do fim do
poderio japonês
Considerações finais

INTRODUÇÃO

A Segunda Guerra Mundial é considerada o maior conflito envolvendo todos os continentes, espaços e nações da história humana e do século XX. Os traumas da Grande Guerra (1914-1918), ocorrida no início do mesmo século, não foram suficientes para conter os desejos de vingança, as ambições por expansões

territoriais e as buscas incessantes por poder das potências envolvidas, arrastando consigo países neutros e sem expressão militar no cenário internacional, com consequências devastadoras e sentidas até hoje. É indiscutível, na historiografia sobre o período – uma historiografia vasta, diga-se de passagem –, que a Segunda Guerra foi a continuidade da Primeira Guerra, cujas falhas nas tratativas de paz

* Pós-graduanda em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul). Licenciada em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e professora da rede estadual de ensino do Rio Grande do Norte. Colabora com a Academia de História Militar Terrestre do Brasil (AHIMTB/RS).

e na punição imposta aos beligerantes derrotados provocaram uma onda de conflitos regionais caracterizadores do grande conflito que se avizinhava.

Contudo, até hoje se discute sobre quando, de fato, a Segunda Guerra se iniciou. Como aponta Beevor (2015, p. 10), há quem afirme que a Europa passou por uma espécie de Segunda Guerra dos Trinta Anos, iniciada em 1914 e finalizada em 1945. Outra corrente defende que a Revolução Russa, em 1917, evoluiu para uma “Revolução Europeia” até 1945 e que só foi efetivamente finalizada no final da Guerra Fria, em 1989. A esquerda aponta o ano de 1936, início da Guerra Civil Espanhola, como o ano do surgimento da Segunda Guerra Mundial, enquanto os historiadores orientais argumentam que no ano de 1931, quando o Japão invadiu a Manchúria, iniciou-se o conflito. Outros indicam ser a Segunda Guerra Sino-Japonesa, em 1937, a responsável pelo desenrolar de uma guerra global, informação indiferente aos historiadores ocidentais, os quais continuam a se referir ao ano de 1939 como início oficial das hostilidades, quando as forças alemãs de Adolf Hitler invadiram a Polônia.

Independentemente de quando começou a Segunda Guerra, sabe-se perfeitamente que o século XX foi longo e dotado de conflitos cada vez mais mortais, superando uns aos outros no âmbito da tecnologia bélica e das intenções hostis. Não houve um período de relativa calma desde o despontar do século até seus anos finais, testemunhando um avanço prodigioso das formas de se fazer e pensar a guerra, algo nunca visto em períodos anteriores. A Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), cuja eclosão era bastante previsível, dadas as tensões entre os vizinhos no Extremo Oriente, foi um prelúdio da Primeira Guerra Mundial, iniciada uma

década depois. Do fim da Grande Guerra, em 1918, até o início da Segunda Guerra, em 1º de setembro de 1939, vários outros conflitos regionais estouraram, confirmando o Período Entreguerras, como ficou conhecido, como a fase da história humana de maior preparação armada, nunca antes vivenciada. Das sucessivas ocupações japonesas em território chinês até a eclosão da Segunda Guerra Sino-Japonesa em 1937, na Ásia, e da Guerra Civil Espanhola em 1936, na Europa, entre outras do gênero durante todo o período, o mundo também não teve descanso com a crescente indústria armamentista de massa das potências europeias, enfraquecidas financeiramente ou não, dos Estados Unidos e das potências extremo-orientais, com ênfase para o Japão e a Rússia.

Os teatros de operações da Segunda Guerra Mundial foram diversificados e amplos. Das águas do Atlântico até os confins do Pacífico, da gélida Rússia até o ambiente quente e desértico do norte da África, das florestas úmidas e desconhecidas do Sudeste Asiático aos céus cinzentos da Inglaterra, a guerra se fez presente das mais variadas formas. Disputas aéreas, lutas encarniçadas em terra, grandes batalhas navais e aeronavais, bombardeios violentos dignos de cenas de filme hollywoodiano foram alguns dos principais movimentos realizados durante o período, assustando todos aqueles que, um dia, jamais imaginaram utilizar a ciência, a tecnologia e a inteligência humana para tais feitos. As campanhas ocorridas durante a Guerra do Pacífico (1941-1945) foram oriundas das duas potências em clara e aberta disputa na região: o gigante continental norte-americano, a leste, e a pequena ilha nipônica, a oeste, pelo controle incontestado do Pacífico, de seus pontos estratégicos e dos recursos sustentadores da máquina de guerra.

O ataque à Base Naval de Pearl Harbor, no Havaí, estado norte-americano, em dezembro de 1941, pelo Serviço Aéreo da Marinha Imperial japonesa, é considerado o marco para o início das hostilidades de fato na região, bem como da entrada dos Estados Unidos na guerra. Seus desdobramentos vão testar a capacidade armamentista de ambos os contendores até os últimos recursos, encerrando-se com a chocante destruição das cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki em agosto de 1945, após os norte-americanos lançarem bombas atômicas sobre o território inimigo.

A primeira batalha aeronaval da História Militar Geral, a Batalha do Mar de Coral, ocorrida nos primeiros dias de maio de 1942, assinalou uma nova forma de fazer guerra naval, utilizando-se de recursos nunca

antes testados em um cenário de guerra desse porte. Ainda que seus resultados sejam considerados indefinidos, a Batalha do Mar de Coral serviu de ponta de lança para os conflitos do gênero que ocorreriam posteriormente, como a Batalha de Midway no mês seguinte e a Campanha Naval do Golfo de Leyte, em outubro de 1944, numa luta ferrenha pelas possessões estratégicas localizadas no Pacífico. Como se sabe, apesar do início provocador e violento japonês, atraindo o rival norte-americano para a guerra, num cenário totalmente distinto do que se via no Atlântico e no continente europeu, a duração do conflito foi relativamente curta – não chegou a completar quatro anos –, mas tornou-se um símbolo de que ambições expansionistas nunca funcionam bem nos tempos contemporâneos. O Japão, após agosto de 1945, entendeu perfeitamente o recado.

ANTES DE A GUERRA GLOBAL COMEÇAR, UMA PAUSA: A SITUAÇÃO JAPONESA E NORTE-AMERICANA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

A rivalidade entre japoneses e norte-americanos começou bem antes de o século XX despontar. Seguindo a mesma lógica das demais potências ocidentais de forçar o Extremo Oriente a abrir seus mercados, ricos em matérias-primas para a industrialização massiva e dotados de portos e territórios estratégicos, os Estados Unidos fizeram o mesmo com o Império

do Japão, ameaçando bombardear seus portos em 1853 e obrigando a fechada ilha oriental a se ocidentalizar. O advento da Era Meiji, em 1868, pôs fim a séculos de feudalismo

A rivalidade entre japoneses e norte-americanos começou bem antes de o século XX despontar

japonês, dando início a um rápido processo de industrialização e desenvolvimento econômico, forçando o país a buscar mais recursos e matérias-primas fora de seu pequeno, frágil e pouquíssimo produtivo território. Foi por esse motivo que a península coreana, os vastos campos chineses e o Oceano Pacífico tornaram-se alvos prioritários dos nipônicos para a obtenção daquilo que lhes faltava. Contudo, tentaram obtê-lo por métodos nada pacíficos.

A Primeira Guerra Sino-Japonesa, entre 1894 e 1895, foi o primeiro embate vitorioso do Japão para obter livre acesso ao território coreano, então estado-vassalo chinês. Isso acendeu o sinal de alerta à Rússia, potência continental cujo czarismo vinha enfrentando expressiva decadência. A vitória japonesa sobre a China também deu fôlego aos japoneses para ampliarem seu escopo industrial, in-

clusivo bélico, e sua ferocidade em busca de matérias-primas sobre os territórios cobijados, sabidamente enfraquecidos política e economicamente.

A Guerra Russo-Japonesa (1904-1905), ocorrida dez anos após o Japão enfrentar a China, mostrou que a disposição do Trono do Crisântemo em tornar-se a grande potência política, econômica e militar do Pacífico não era simples capricho ou mania de grandeza. A derrota da Rússia confirmou a supremacia nipônica na região, cujos tentáculos se estenderam às ilhas circundantes do Pacífico, tornaram a Coreia sua província em 1910 e obtiveram outros ganhos territoriais dos dois derrotados continentais.

Mas ainda faltava enfrentar outro desafio, aquele responsável por, anos atrás, humilhar o império em sua busca por controle comercial e estratégico: os Estados Unidos, gigante norte-americano do outro lado do Pacífico.

Seria ele o seu maior rival, em todo o século XX, pelo controle dos mares que, de pacífico, só teria o nome após o advento da Segunda Guerra Mundial.

Tudo pareceu se acalmar até que, em setembro de 1931, o Japão, de surpresa, invadiu a Manchúria após criar o Incidente de Mukden, o qual consistiu na explosão de parte da ferrovia localizada na região. O objetivo dos japoneses com a tomada desse território, quase ocupado durante a Guerra Russo-Japonesa, era transformá-lo em um grande produtor de alimentos, capaz de abastecer a população japonesa, que vinha sofrendo uma grave crise de produção agrícola. Nela criaram o estado-tampão de Manchukuo, governado pelo imperador chinês, deposto em 1912, Henry

Pu Yi. A China recorreu à Liga das Nações, de modo a que esta aplicasse sanções aos japoneses, mas os países-membros da Liga estavam mais interessados em se recuperar do desastre da quebra da Bolsa nova-iorquina de 1929 do que em atender aos apelos do governo chinês (BEEVOR, 2015, p. 17). Sakurai (2007, p. 154) contesta essa informação ao afirmar que a Liga das Nações enviou uma comissão à China e concluiu que houve desobediência por parte do Japão em relação às normas internacionais, fazendo o império nipônico se retirar da Liga no ano de 1933.

Enquanto isso, do outro lado do Pacífico, os Estados Unidos ampliaram con-

sideravelmente sua produção industrial, tendo como consequência a expansão de sua influência político-econômica sobre os vizinhos americanos. A construção do Canal do Panamá, inaugurado em 1914, permitiu

aos norte-americanos gastarem pouco tempo na travessia marítima entre os oceanos Atlântico e Pacífico, aumentando sua área marítima de atuação, além de submeterem para si o controle do restante do continente. A chamada política do Big Stick, proposta por Theodore Roosevelt, reflete exatamente esse desejo imperialista dos Estados Unidos sobre a América como um todo, principalmente após a vitória norte-americana obtida no final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), fazendo deles a potência mundial do período.

Mas a comemoração da vitória durou pouco, e no ano de 1929 o *crack* da Bolsa de Valores de Nova Iorque levou os Estados Unidos àquela que é considerada a crise econômica mais grave do século

No ano de 1933, mesmo ano da ascensão de Hitler na Europa, os Estados Unidos encabeçaram a política mais bem-sucedida para sair da crise econômica, o New Deal

XX. A Depressão afetou também os países europeus, ainda em recuperação por conta da Grande Guerra. A mais beneficiada com tudo isso foi a Alemanha, cuja ascensão ao poder do Partido Nazista, na figura de Adolf Hitler como primeiro-ministro, levou-a ao descumprimento do Tratado de Versalhes, imposto em 1919, e ao rápido desenvolvimento armamentista. A Alemanha queria revanche da derrota tida na guerra mundial anterior e não mediu esforços para alcançar seu intento.

No ano de 1933, mesmo ano da ascensão de Hitler na Europa, os Estados

Unidos encabeçaram a política mais bem-sucedida para sair da crise econômica, o New Deal, responsável pelos incentivos à industrialização e à retomada do emprego, assim como pela salvação do *american way of life*, por meio da intervenção estatal na economia. Foi nesse

período que se difundiu a “Política da Boa Vizinhança”, numa busca pelo respeito e autonomia mútuos entre as nações americanas. A mesma política visava também a transferência dos valores americanos, isto é, o *american way of life*, para as nações latinas, algo propagandeado exaustivamente no auge da Segunda Guerra Mundial (TOTA, 2013, p. 189).

Somente a partir de 1940 os caminhos do Japão e dos Estados Unidos voltaram a se cruzar, mas de uma forma nada amigável. Após a quebra da Bolsa em 1929, a invasão japonesa à Manchúria em 1931 e a assinatura do Pacto Anti-Comintern em novembro de 1936, entre Japão e Alemanha, num possível embate contra a União Soviética,

o sentimento antiocidental alimentado pelo Japão só o fez fortalecer a sua necessidade de dominar completamente o Pacífico e a Ásia extremo-oriental. Dessa forma,

As Forças Armadas japonesas começaram a cobiçar o vizinho soviético ao norte e a espreitar o sul do Pacífico. Os seus alvos eram as colônias no Extremo Oriente da Inglaterra, França, e Holanda, com os campos de petróleo das Índias Orientais Holandesas (BEEVOR, 2015, p. 18).

**Para os norte-americanos,
o avanço japonês na região
da Ásia extremo-oriental
estava sendo visto como
uma ameaça, sendo cada
vez mais difícil encontrar
uma saída viável para se
evitar um conflito**

O petróleo era a matéria-prima que faltava à indústria japonesa, e a obtenção dos territórios em questão possibilitaria uma sobrevivência considerável em caso de conflito. Para aumentar ainda mais o clima de tensão na região, o Japão invade a China em julho de 1937,

dando início à Segunda Guerra Sino-Japonesa, dada a resistência chinesa e do governo fantoche da Manchúria contra os invasores e o aumento no problema de abastecimento à população nipônica. A tentativa fracassada de se apropriar das minas de carvão e dos depósitos de minérios de ferro da província chinesa de Suiyuan, na fronteira com a Mongólia, em 1936, também motivou a invasão (BEEVOR, *op. cit.*, p. 76), que só veio a terminar em 1945, concomitantemente ao término da grande guerra mundial que se aproximava.

O conflito russo-japonês em 1939 e a ocupação da Indochina francesa em 1940 obrigaram os Estados Unidos e a Inglaterra a embargarem o Japão, cortando-lhe as

fontes de abastecimento de combustível e a venda de material de sucata de ferro e aço. Para os norte-americanos, o avanço japonês na região da Ásia extremo-oriental estava sendo visto como uma ameaça, sendo cada vez mais difícil encontrar uma saída viável para se evitar um conflito. O Japão insistia em não abrir mão das suas recentes ocupações no Sudeste Asiático, embora tenha desistido da invasão à União Soviética, assinando com ela, em abril de 1941, um pacto de não-agressão, enquanto os Estados Unidos só retirariam o embargo se o Japão recuasse de sua ocupação na China e na Indochina. A resposta norte-americana, dada em novembro de 1941, recusando a posição proposta pelo império, fizeram os japoneses ameaçarem-lhes de guerra, algo para o qual já haviam começado a se preparar (SAKURAI, 2007, p. 161).

O ATAQUE A PEARL HARBOR (1941) E O INÍCIO OFICIAL DA GUERRA DO PACÍFICO

As ameaças aos Estados Unidos não foram restritas unicamente ao território americano, muito menos foram planejadas em cima da hora. As disputas alimentadas contra o rival no Pacífico vinham de longa data, como visto anteriormente ao longo do desenvolvimento do imperialismo japonês. Os acontecimentos posteriores aos avanços nipônicos, provocando o temor e a aplicação de sanções severas pelos Estados Unidos, fingiram servir de pretexto para o que já pretendiam fazer contra eles.

Segundo Evans e Gibbons (2016, p. 124), o Plano Z, pensado pelo Almirante Isoroku Yamamoto, comandante-chefe da Frota Combinada Japonesa, consistia em quatro etapas: tomar a Malásia, Cingapura e as Índias Orientais Holandesas (atual Indonésia), consideradas fontes vitais de matérias-primas; destruir a frota norte-

-americana estacionada em Pearl Harbor, no Havaí, estado norte-americano; expulsar os norte-americanos das Filipinas e capturar o território; e interromper as comunicações norte-americanas ao tomar as ilhas Wake e Guam, onde detinham bases navais. Segundo Sakurai (*op. cit.*, p. 162), isso também fazia parte do grande plano japonês, fortalecido com a ascensão do General Hideki Tojo ao cargo de primeiro-ministro e ministro da Guerra. O plano, lançado em agosto de 1941, foi denominado Grande Esfera da Co-Prosperidade da Ásia Oriental e consistia na união dos países asiáticos, sob a liderança do Japão, para afastar qualquer influência ocidental da região. A guerra total, caso fosse necessária, seria o meio utilizado para alcançar tal intento.

E foi o que aconteceu. Mesmo com a revelação do teor da mensagem interceptada pelo Departamento Criptográfico da Marinha dos Estados Unidos, enviada de Tóquio para o cônsul-geral japonês em Honolulu, no Havaí, no dia 2 de dezembro – a tradução só foi concluída, juntamente com outras, no dia 6 –, os norte-americanos pecaram pelo excesso de confiança e ignoraram o alto grau de ameaça ali contido, quando poderiam ter se colocado em alerta e evitado uma catástrofe. Em vão.

Na manhã do dia 7 de dezembro de 1941, 360 bombardeiros e aviões de combate japoneses atacaram os navios de guerra americanos atracados em Pearl Harbor. Ao todo, quatro couraçados foram destruídos ou afundados, outros quatro ficaram danificados e 11 navios de guerra foram afundados ou inutilizados. As bases aéreas de Pearl Harbor também foram atacadas, resultando na destruição de 188 aviões, na avariação de outros 159, e na morte de 2.335 americanos e 1.143 feridos, entre militares e civis que moravam na área. Os japoneses também contabilizaram

suas perdas, bem menores se comparadas ao estrago que fizeram contra o inimigo: 29 aviões, cinco pequenos submarinos e um submarino de longo curso foram destruídos, 64 homens foram mortos e um foi feito prisioneiro pelos americanos. Entre nove couraçados americanos, somente dois estavam aptos para combater (GILBERT, 2014; BEEVOR, 2015, p. 310). Seus três porta-aviões – *Enterprise*, *Lexington* e *Yorktown* – não estavam atracados em Pearl Harbor no dia do ataque, tornando-se elementos determinantes para as batalhas aeronavais que se seguiriam (MARTÍNEZ, 2006, p. 84).

Por um breve espaço de tempo entre o início da Guerra do Pacífico e o confronto direto entre as forças navais do Japão e dos Estados Unidos nos mares orientais, o Império do Sol Nascente tornou-se o senhor dos mares e dos territórios do Extremo

Oriente asiático, enquanto pudesse manter sua ocupação militar sobre eles. No mesmo fatídico 7 de dezembro, o Japão atacou a Malásia, as Filipinas, Hong Kong, as ilhas de Guam, Wake e Midway, destruindo frotas aliadas lá estacionadas, bases aéreas e matando civis e militares, quando não os fazia prisioneiros. Os bombardeios japoneses se sucederam nos dias posteriores: Cingapura, as ilhas de Luzon e de Bataan e as cidades chinesas de Xangai e Tientsin (8 de dezembro) e Bangcoc, Ilhas Tarawa e de Makin (9 de dezembro). No dia 10, afundaram os couraçados britânicos *Prince of Wales* e *Repulse*, os quais defendiam a costa malaia (GILBERT, 2014).

A entrada dos Estados Unidos na guerra fortaleceu a Grã-Bretanha e a União Soviética, as quais, juntas, fariam frente aos avanços alemães na Europa e do Japão no Pacífico. Ainda no mês de dezembro, norte-americanos, britânicos e aliados locais resistiram ao constante desembarque de tropas japonesas no Sudeste Asiático e nas ilhas do Pacífico e aos ataques, tanto aéreos quanto navais, impostos pela Frota Imperial, mas sem conseguir impedir a submissão dos territórios defendidos. Até a primeira semana de janeiro, toda a região bombardeada e invadida estava sob domínio do Japão. Este

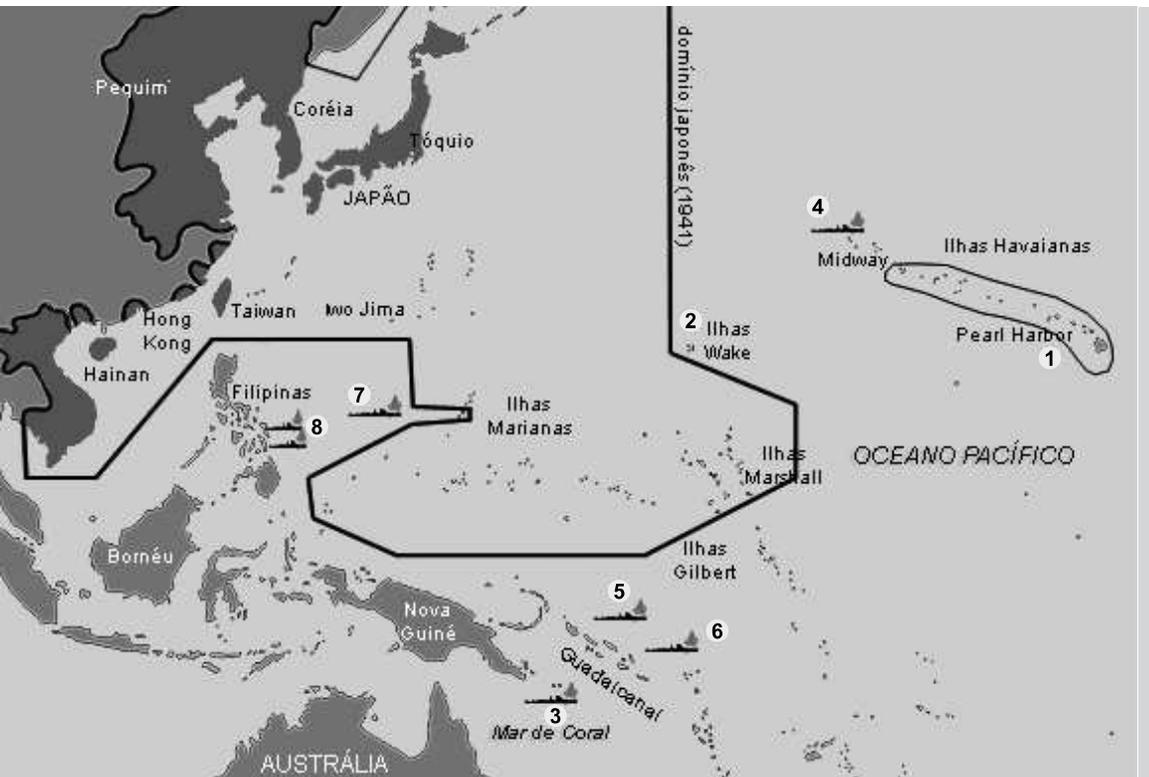
começou a se preparar para o seu grande salto estratégico, de modo a afastar definitivamente as forças aliadas do Extremo Oriente asiático: o Plano MO, cujo objetivo seria tomar Port Moresby, capital da Papua Nova-Guiné, por meio da invasão da Austrália,

receosa de ser o próximo alvo dos bombardeios nipônicos, além de tomar a Ilha de Tulagi, localizada ao sul das Ilhas Salomão, fechando assim as rotas de navegação e comunicação entre as forças combinadas americanas, britânicas, australianas e neozelandesas (SCHOM, 2005, p. 303).

Os temores da Austrália se confirmaram quando, no dia 19 de fevereiro de 1942, o porto de Darwin, localizado ao norte, foi atacado. Nele foram afundados todos os 17 navios ancorados e abatidos 22 aviões americanos e australianos contra apenas cinco do lado japonês. Cerca de 240 pessoas morreram. No entanto, a batalha que lá se travou entre as forças aliadas e as forças nipônicas não conse-

A entrada dos Estados Unidos na guerra fortaleceu a Grã-Bretanha e a União Soviética, as quais, juntas, fariam frente aos avanços alemães na Europa e do Japão no Pacífico

Mapa do Pacífico (1941 - 1945)



- Posição 1 7-dez-41; ataque da Marinha Imperial japonesa a Pearl Harbor
Posição 2 8-dez-41; ataque da Marinha Imperial japonesa a base americana na Ilha de Wake
Posição 3 4 a 8-mai-42; Batalha Aeronaval do Mar de Coral; nenhum dos lados foi vitorioso
Posição 4 4-jun-42; Batalha Aeronaval de Midway; vitória americana
Posição 5 24-ago-42; Batalha pelas Ilhas Salomão
Posição 6 26-out-42; Batalha pelas Ilhas Santa Cruz
Posição 7 19 a 20-jun-44; Batalha do Mar das Filipinas; vitória americana
Posição 8 24 a 26-out-44; Batalha do Golfo de Leyte; vitória americana

guiu impedir que a Austrália fosse atacada novamente no início de março, dessa vez na cidade de Broome, no oeste do país. O local estava recebendo refugiados da invasão à Ilha de Java, muitos deles mortos durante o mais novo bombardeio (GILBERT, 2014).

A rendição da Batávia (atual Jacarta) e das Índias Orientais Holandesas em 9 de março diante do poderio japonês, após a Batalha de Java, ocorrida no final do mês

anterior, obrigou os Estados Unidos a colocarem em prática medidas mais duras, uma delas denominada Operação Doolittle, em 18 de abril. Chefiada pelo tenente-coronel americano James Doolittle, a operação consistiu no bombardeamento de Tóquio, capital do império japonês. O plano, mais simbólico do que destrutivo, só fez aumentar a ousadia japonesa, que bombardeou Darwin novamente no dia 22 de abril e Port Moresby no dia 23.

No dia 30, a cidade de Washington, nos Estados Unidos, estabeleceu o Conselho de Guerra do Pacífico, de modo a planejar estratégias mais eficazes para a região. Além do país-sede, participaram os representantes do Reino Unido, do Canadá, da Austrália, da Nova Zelândia, da Holanda e da China. No mesmo dia, o Comando Aliado do Pacífico é reorganizado, tendo o General Douglas MacArthur no Comando do Sudoeste do Pacífico e o Almirante Chester Nimitz no Comando da Zona Oceânica do Pacífico (EVANS; GIBBONS, 2016, p. 156). O jogo ia começar a virar em favor dos aliados a partir dos primeiros dias de maio de 1942, mostrando toda a fraqueza do Japão, o qual já sabia ser incapaz de sustentar uma guerra de grande porte por tanto tempo.

A DERROTA IMINENTE: A BATALHA DO MAR DE CORAL E O INÍCIO DO FIM DO PODERIO JAPONÊS

O Almirante Isoroku Yamamoto, desde o início, foi desfavorável ao Japão iniciar uma guerra contra os Estados Unidos. Ele acreditava que, para se iniciar a guerra, seria preciso um planejamento cuidadoso, que atingisse duramente o inimigo se o império quisesse ter chances reais contra ele. Embora tenha sido o responsável por elaborar o ataque a Pearl Harbor em 1941, Yamamoto fazia questão de ressaltar a superioridade do inimigo sobre o seu próprio país. Em sua visão, “[...] os Estados Unidos dispunham de fontes de recursos naturais quase inesgotáveis em seu próprio território e poderiam suportar um conflito duradouro” (TOTA, 2006, p. 372), ao

contrário dos japoneses, cuja escassez gritante de recursos, aliada ao aumento populacional, o obrigou a entrar em conflito com os vizinhos, a maioria colônias de países europeus, dotadas de tudo aquilo de que precisavam. Se comparado aos norteamericanos, o império japonês só resistiria ao conflito da magnitude em que estava envolvido por mais um ano, no máximo.

Os sinais de fraqueza apareceram nos primeiros dias de maio, e não foi por meio de bombardeios aliados, mas sim pelo serviço de inteligência. A Marinha dos Estados Unidos possuía a Unidade de Rádio da Frota do Pacífico, liderada pelo oficial criptoanalista Joseph Rochefort.

Nela encontrava-se a Estação de Inteligência Naval, que respondia pelo nome codificado de Hypo, localizada em Makalapa Hill, Pearl Harbor. Os oficiais criptoanalistas de Rochefort

O Almirante Isoroku Yamamoto, desde o início, foi desfavorável ao Japão iniciar uma guerra contra os Estados Unidos

trabalharam durante os meses de março e abril de 1942 para entender o que significavam as várias mensagens emitidas pelo quartel japonês situado em Rabaul, porto da Nova Bretanha, na costa nordeste da Nova Guiné. Acreditando ser o indício de uma nova atividade na região, a Hypo descobriu que um navio de guerra japonês capaz de permitir operações aéreas estava se deslocando para algum lugar do Pacífico e que quatro cruzadores pesados estavam se deslocando das Ilhas Carolinas em direção ao Mar de Coral, ao sul, o que fez com que Rochefort chegasse à conclusão de que os japoneses estavam prestes a iniciar uma complexa operação bélica (SCHOM, 2005, p. 303-304).

Rochefort não estava errado: os japoneses estavam se encaminhando para

colocar o Plano MO em prática. Continua Schom (*op. cit.*, p. 304-307) ao afirmar que Rochefort deduziu que uma força de ataque japonesa avançaria margeando a costa oriental das Ilhas Salomão e entraria no Mar de Coral para dar apoio à tomada de Port Moresby, enquanto outra força de ataque ocuparia alguma posição avançada nas Ilhas Salomão. Contudo, era necessário saber em que data isso ocorreria, e as estimativas apontavam para a primeira semana de maio. Avisado por Rochefort dessas suspeitas, o Almirante Chester Nimitz decide enviar, no dia 1º de maio, uma força naval aliada composta por dois porta-aviões – o *Lexington* e o *Yorktown* –, oito cruzadores americanos e australianos e 12 destróieres ao extremo oriental do Mar de Coral, sob o comando do Almirante Frank Fletcher. No mesmo dia, o almirante japonês Yamamoto envia três porta-aviões, sendo um ligeiro e dois pesados, dois cruzadores e seis destróieres para a mesma região, sob o comando do Vice-Almirante Takagi Takeo. Além de Port Moresby, o almirante acreditava ser possível ocupar juntamente a Nova Caledônia e outras ilhas adjacentes, tudo com o objetivo de assegurar a interrupção das comunicações norte-americanas sobre o Mar de Coral e em toda aquela região.

No dia 2 de maio, ocorre o primeiro encontro entre as esquadras adversárias: as forças navais americanas conseguem interceptar uma esquadra japonesa que escoltava duas forças invasoras no Mar de Coral. Uma delas seguiria para Tulagi, nas Ilhas Salomão, enquanto a outra seguiria para Port Moresby, ao sul da Nova Guiné (GILBERT, 2014, p. 640-641). Apesar da interceptação da esquadra inimiga, no dia 3 de maio os japoneses ocupam Tulagi, confiantes na derrota da frota aliada no

Mar de Coral. No dia 4 de maio, 12 navios japoneses de transporte de tropas, sob o comando do Contra-Almirante Abe Koso, cruzam o Mar de Salomão rumo a Port Moresby. Ao margear as costas orientais do arquipélago, a força de ataque aerotransportada do Vice-Almirante Takagi, formada pelos porta-aviões *Zuikako*, *Shokaku* e *Shoho*, se coloca em posição, junto com o Corpo Principal da Força de Apoio (SCHOM, 2005, p. 307). O cenário para o confronto já estava quase pronto.

No dia 5 de maio, a Força-Tarefa 17 do Almirante Fletcher se une aos outros dois porta-aviões trazidos pelo almirante americano William Halsey, encontrando-se próximo ao extremo oriental do arquipélago das Luisíadas, a sudoeste da Nova Guiné (SCHOM, *loc. cit.*). Os porta-aviões – *Enterprise* e *Hornet* – estavam prontos, juntamente com o restante da frota aliada, para impedir a ocupação de Port Moresby e da Austrália pelos japoneses e evitar o corte na linha de comunicações entre as forças aliadas atuantes no Pacífico¹. No mesmo dia, o almirante japonês Yamamoto dá ordens para as Operações Mi e Al, isto é, ordens de captura das ilhas Midway e Aleutas, respectivamente. O dia 6 de maio foi dedicado aos preparativos finais para aquela que seria a primeira batalha aeronaval da História.

Conforme descreve Schom (*op. cit.*, p. 308), o vice-almirante japonês Takagi encontrou, no Mar de Coral, um destróier – o *Sims* – e um navio-petroleiro – o *Neosho* – americanos nas primeiras horas da manhã do dia 7 de maio, atacando-os com os aviões que partiram do *Zuikako* e do *Shokaku*. Enquanto os aviões disparavam contra os navios encontrados, descobriram dois porta-aviões americanos. Estes já haviam visto dois porta-aviões rápidos e

1 No entanto, os porta-aviões do Almirante Halsey não tomariam partido na Batalha do Mar de Coral.

quatro cruzadores inimigos, permitindo ao Almirante Fletcher dar ordens de ataque em grande escala a partir do *Yorktown* e do *Lexington*, com o envio de 93 aviões sobre os navios japoneses. Após a decolagem dos aviões, Fletcher percebeu que os navios japoneses encontrados faziam parte da Força MO, que se dirigia a Tulagi, sob o comando do Contra-Almirante Gotô Aritomo. Tal força não era de interesse prioritário para os aliados, resignados em afundar o porta-aviões ligeiro *Shoho*, obrigando a retirada de combate de Aritomo. O confronto entre os dois principais porta-aviões de Takagi e a frota de Fletcher só ganhou ares de realidade à noite, por volta das 22 horas, quando o *Zuikako* e o *Shokaku* prepararam suas armas para atacar os porta-aviões inimigos.

Na manhã do dia 8 de maio, continua Schom (2005, p. 308-309), Fletcher localizou os grandes navios de Takagi e ordenou o envio de 82 aviões, sendo 39 deles pertencentes ao esquadrão do porta-aviões *Yorktown*, para atacar o *Shokaku*, prestes a lançar seu próprio ataque. Os aviões americanos conseguiram danificar parte da plataforma de voo do porta-aviões, impedindo que aviões inimigos aterrissassem. Já o *Lexington*, por causa das condições climáticas ruins, não conseguiu localizar o *Zuikako*, provocando então estragos no *Shokaku*, já avariado com a plataforma de voo em chamas. Por causa de danos tão sérios, o comandante do *Shokaku* ordenou sua retirada do combate. Até aquele momento, os japoneses haviam sofrido 223 baixas e 46 aviões do *Shokaku* foram obrigados a fazer aterrissagens de emergência no *Zuikako*, o porta-aviões que restara em batalha do lado japonês.

Por outro lado, 69 aviões de Takagi atacavam o *Lexington* e o *Yorktown*, aproveitando-se da falha de cobertura aé-

rea de Fletcher. Em consequência, quatro bombas avariaram seriamente o *Lexington*, enquanto o *Yorktown* teve sua plataforma de voo atingida, mas sem prejudicar as decolagens e aterrissagens de seu esquadrão. No final da tarde, o comandante do *Lexington* deu ordens de abandonar o navio, bastante danificado. O porta-aviões foi afundado pelo destróier americano *Phelps*, na primeira grande baixa da frota aliada – segundo Gilbert (2014, p. 641), 216 homens do navio morreram em virtude das bombas e dos torpedos japoneses.

O *Yorktown* conseguiu sobreviver ao combate com avarias, tendo seguido para a Nova Caledônia e, de lá, para Pearl Harbor, onde foi submetido a reparos. Os aviões restantes de Takagi ainda perseguiram o *Yorktown*, mas o perderam de vista. O *Zuikako* voltou para Truk, nas Ilhas Carolinas, e o *Shokaku* enfrentou fortes tormentas em seu regresso, tendo sido posteriormente desativado. Ambos, apesar dos poucos danos, perderam numerosos aviões e pilotos, algo que começou a evidenciar a dificuldade de os japoneses reporem material de guerra e oficiais qualificados após o conflito. A Força-Tarefa 17 sofreu perdas ainda maiores, ao ter afundado um de seus maiores porta-aviões e ter avariado outro, mas conseguiu impedir o Plano MO de ser executado. Port Moresby não seria ocupada, a Austrália e a Ilha Tulagi não seriam invadidas e as rotas de navegação e comunicação aliadas no Pacífico continuariam funcionando, embora os adversários se encontrassem mais uma vez no mês seguinte, na decisiva Batalha de Midway, garantindo totalmente a vitória aliada. Chegara ao fim a Batalha do Mar de Coral. Mas quem realmente a venceu?

Na historiografia existente sobre o conflito, as respostas são variadas. Em geral, considera-se a batalha sem vencedores

definidos, visto ambos os beligerantes terem perdido em alguns aspectos e ganho em outros. Para Evans e Gibbons (2016, p. 166), foi uma vitória japonesa, em termos de destruição, mas em termos estratégicos a vitória foi da frota aliada comandada pelo Almirante Fletcher. Beevor (2015, p. 380) vai mais além ao afirmar que os americanos consideraram a Batalha do Mar de Coral uma vitória parcial, pois evitou o desembarque das tropas japonesas em Port Moresby, opinião contrária à dos adversários, convencidos de que o inimigo levou uma “surra”. Mais importante: a batalha serviu de reflexão para os americanos em relação aos defeitos técnicos encontrados em seus aviões e armamentos, a maior parte não resolvidos quando as forças beligerantes voltaram a se enfrentar na Batalha de Midway, no mês seguinte. Gilbert (2014, p. 641) afirma que se o critério para definir o vencedor fosse o afundamento de navios, o Japão teria ganhado. Entretanto, o país foi obrigado a desistir de sua expansão para o sul do Pacífico, em virtude da perda nos combates aéreos e à diminuição no quantitativo de pilotos experientes, salvando, assim, a Austrália de uma invasão. Só a título de demonstração, os japoneses perderam 70 aviões contra 66 dos aliados, não tendo ocorrido, porém, o disparo de um único tiro entre os navios.

Martínez (2006, p. 92) enxerga nessa batalha o primeiro revés do Japão, com a compreensão cada vez maior do Almirante Yamamoto do potencial industrial do inimigo e que somente um confronto decisivo pelo controle do Pacífico definiria o verdadeiro vencedor, ao contrário da guerra de desgaste que estavam travando, desgaste este maior para os próprios japoneses. Sakurai (2007, p. 165) aponta que a estrutura de sustentação de guerra japonesa começou a desmoronar a partir

das primeiras derrotas obtidas no Pacífico para os aliados, principalmente depois que o Japão proibiu os países sob o seu controle de exportar produtos para o Ocidente, gerando como consequência o empobrecimento de recursos para alimentar a máquina de guerra japonesa.

Embora as perdas materiais e humanas de ambos os lados tenham sido péssimas para os seus intentos, ficou clara a vitória aliada ao impedir o Plano MO de ser executado. Caso a Papua Nova-Guiné caísse nas mãos japonesas, seria muito mais difícil para os Estados Unidos, principalmente, impedir o controle do Japão sobre o sul do Pacífico e conter o seu avanço para outras direções. Também é válido lembrar que as tropas aliadas, ainda que estivessem apresentando desgaste devido aos diversos *fronts* em que estavam combatendo – frente ocidental, frente oriental, Atlântico –, poderiam sim suportar mais tempo de guerra do que o Japão, que já iniciara o conflito exaltando sua própria incapacidade de produção industrial a longo prazo e subsistência, dada a escassez de recursos no arquipélago. Não é à toa que o desespero, aliado à expansão imperialista, o tenha motivado a se tornar inimigo de todo o Extremo Oriente e dos Estados Unidos, com quem já disputava o controle do Pacífico.

Ademais, os aliados do Japão – Alemanha e Itália – estavam há muitos quilômetros de distância dele, mais preocupados com suas vitórias e derrotas na Europa do que com os desafios enfrentados pelos japoneses do outro lado do mundo. É possível compreender, a partir dessas assertivas, por que o Império do Sol Nascente foi o último a se render, levando a Guerra do Pacífico, posteriormente transformada em uma guerra particular do Japão contra os Estados Unidos, até as últimas consequências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Batalha de Midway, ocorrida em junho de 1942, tornou-se o embate decisivo entre as forças japonesas e aliadas, enfraquecendo sobremaneira a ambição do Japão de expandir seus tentáculos sobre toda a região do Pacífico ao ver toda a sua frota naval destruída. Contudo, a Batalha de Midway não seria possível sem os tropeços ocorridos durante a Batalha do Mar de Coral, sobre cujos resultados os aliados tentaram trabalhar a tempo para corrigir os erros e problemas técnicos encontrados, de modo a obter êxitos efetivos, e não parciais, em próximos conflitos contra as ameaças e planejamentos nocivos dos nipônicos na região.

Muito pelo contrário fizeram os inimigos, cuja obsessão em destruir totalmente as forças aliadas, principalmente norte-americanas, os levou a dar continuidade aos planos, conscientes de sua fraqueza em repor homens e materiais, sem avaliar os erros e problemas cometidos durante a batalha. O preço foi bastante alto a pagar pela arrogância em se considerarem vencedores após Mar de Coral, combatendo em Midway com uma frota imperial leve e muito inferior belicamente, comparada à frota naval aliada, definitivamente preparada para conter o inimigo.

A Guerra do Pacífico, iniciada com um bombardeio japonês a uma base naval americana em dezembro de 1941, ganhou ares de término no ano seguinte, quando do crescente e visível enfraquecimento

do Japão, cada vez mais encurralado pelas forças aliadas atuantes no Pacífico. A expulsão dos japoneses dos locais conquistados, tanto das ilhas quanto do continente asiático, nos anos seguintes não foi suficiente para as forças imperiais retrocederem, aceitar a derrota e dar início às negociações de paz por meio de uma rendição honrosa, algo que era visto como vergonhoso por eles. Bombas atômicas lançadas pelos norte-americanos, em agosto de 1945, sobre cidades do império ini-

migo catapultaram o sonho imperialista japonês, colocando um ponto final definitivo no conflito.

A guerra nas frentes oriental e ocidental e no Atlântico terminou com a vitória dos aliados sobre a Alemanha e a Itália. A perda sucessiva de territórios ocupados e devastados pelos últimos na Europa auxiliou

diretamente no enfraquecimento do esforço de guerra japonês no Pacífico, cada vez mais isolado no cenário internacional e destituído de força suficiente para fazer valer suas pretensões. O *déficit* de recursos para alimentar a indústria de guerra e dar continuidade à subsistência da população, assim como a ausência de mercado externo com as potências ocidentais, também contribuiu para a derrota nipônica, possibilitando à União Soviética, outra rival sua na região, ascender como uma das protagonistas, juntamente com os Estados Unidos, no pós-guerra bipolarizado.

Portanto, a Batalha do Mar de Coral notabilizou-se pela aparente indefinição do vencedor, cabendo às forças aliadas

**A Guerra do Pacífico,
iniciada com um
bombardeio japonês a
uma base naval americana
em dezembro de 1941,
ganhou ares de término
no ano seguinte, quando
do crescente e visível
enfraquecimento do Japão**

lideradas pelos norte-americanos o sucesso em evitar a execução do plano japonês de invasão a Port Moresby e à Austrália, o controle pleno do Pacífico Sul e o corte nas rotas de navegação e comunicação aliadas na região, o que dificultaria a retomada das áreas ocupadas pelos inimigos. O uso massivo dos porta-aviões como arma de guerra mudou a forma de se combater em batalhas navais, tendo na força aerotransportada o elemento determinante para definir os rumos do conflito

e medir forças entre os beligerantes em combate em um curto período de tempo. O auxílio proporcionado pelos serviços de inteligência fez a diferença, possibilitando um preparo adequado para as batalhas, tornando-se uma arma indispensável e bastante aprimorada tecnologicamente nas guerras posteriores. A forma de se fazer guerra, inclusive no mar, não seria mais a mesma depois da Segunda Guerra Mundial. A Batalha no Mar de Coral foi um dos vários conflitos que atestaram isso.

📁 CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:
<GUERRA>; Segunda Guerra Mundial;

REFERÊNCIAS

- BEEVOR, Antony. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Record, 2015. Versão digital.
- EVANS, A. A.; GIBBONS, David. *A compacta história da Segunda Guerra*. São Paulo: Universo dos Livros, 2016. Versão digital.
- GILBERT, Martin. *A Segunda Guerra Mundial: os 2.174 dias que mudaram o mundo*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014. Versão digital.
- MARTÍNEZ, Jesús Hernández. *Breve historia de la Segunda Guerra Mundial*. Madrid: Ediciones Nowtilus SI., 2006. Versão digital.
- SAKURAI, Célia. *Os Japoneses*. São Paulo: Contexto, 2007. Versão digital.
- SCHOM, Alan. *La Guerra del Pacífico: de Pearl Harbor a Guadalcanal (1941-1943)*. Barcelona: Ediciones Paidós, 2005. Versão digital.
- TOTA, Antonio Pedro. “Segunda Guerra Mundial”. In: MAGNOLI, Demétrio (Org.). *História das Guerras*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- _____. *Os Americanos*. São Paulo: Contexto, 2013. Versão digital.